

A Hélio Soares (*in memoriam*) [dedicatória]

CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir da terceira década do século XX, as informações sobre a indústria gráfica recifense são escassas, especialmente no que diz respeito à litografia. A ausência de registros bibliográficos exige do pesquisador do campo visual uma abordagem direta às fontes primárias. Este texto apresenta um exemplo de abordagem metodológica possível para a investigação sobre a indústria litográfica, bem como os resultados colhidos a partir desta abordagem. Esse método fez parte da pesquisa de mestrado de um dos autores⁰¹, desenvolvida entre os anos de

01 Mestrado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGDesign – UFPE), sob a orientação de Silvio Barreto Campello.

2009 e 2011. Para o recorte deste texto, as fontes primárias utilizadas dividem-se, principalmente, entre iconográficas (rótulos litográficos e anúncios publicitários), impressas (anuários, indicadores telefônicos, almanaques etc.) e relatos orais, o que demandou investigação e análise em diferentes acervos: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco; Laboratório Oficina Guaianases de Gravura da Universidade Federal de Pernambuco; Fundação Joaquim Nabuco; Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano; Junta comercial de Pernambuco, entre outros.

A intenção deste capítulo é compartilhar algumas das fontes utilizadas, expor os dados nelas disponíveis e apontar como extrair informações relevantes que permitam uma melhor compreensão sobre o universo da indústria litográfica no Recife durante os anos que vão de 1930 até meados da década de 1960, quando se acredita que a litografia perdia finalmente espaço para sua vertente tecnológica mais sofisticada, a fotolitografia offset. O limite temporal foi também estabelecido em função da datação dos acervos consultados, principalmente os iconográficos.

Este estudo privilegia informações relativas a localização, nomes, serviços, entre outros detalhes das empresas responsáveis por uma produção litográfica, considerada tardia, no Recife.

A INDÚSTRIA LITOGRÁFICA PERNAMBUCANA ANTES DA DÉCADA DE 1930

Segundo Caio Prado Júnior (2008), os anos iniciais da República brasileira representaram uma aceleração do alargamento das forças produtivas e do progresso material que teve palco nos últimos decênios do Império.

concorre nessa fase para o estímulo das atividades econômicas brasileiras a convulsão ocasionada pelo advento da República. [...] a república agiu como bisturi num tumor já maduro; rompeu brusca-mente um artificial equilíbrio conservador que o Império até então sustentara [...] No terreno econômico observaremos a eclosão de

um espírito que se não era novo, se mantivera no entanto na sombra e em plano secundário: a ânsia de enriquecimento, de prosperidade material. Isso, na monarquia, nunca se tivera como um ideal legítimo e plenamente reconhecido. O novo regime o consagrará. Contraste dessas duas fases, anterior e posterior ao advento republicano, se pode avaliar, entre outros sinais, pela posição respectiva do homem de negócios, isto é, do indivíduo inteiramente voltado com suas atividades e atenções para o objetivo único de enriquecer. No Império ele não representa senão figura de segundo plano, mal vista aliás e de pequena consideração. A República levá-lo-á para uma posição central e culminante. (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 208)

Foi provavelmente nesse espírito que se deu o desenvolvimento industrial pernambucano daquelas primeiras décadas do século XX. O conhecimento da estrutura da indústria litográfica pernambucana (clientes, números, nomes, localizações, produtos etc.) nesse período se apresenta, ainda, como um desafio significativo. Com base no registro de marcas da Junta Comercial de Pernambuco (JUCEPE), Cunha Lima (1998) lista 35 empresas litográficas entre o período de 1875 e 1924 (Figura 1), além de outras 16 litografias com base na coleção Brito Alves de rótulos de cigarros pertencente à Fundação Joaquim Nabuco. Sobre estas 16 últimas, a autora acredita que sejam anteriores à data de 1875, pois não aparecem nos livros de registro da JUCEPE.

A partir da década de 1930, as informações bibliográficas sobre o tema eram escassas e, como os últimos rótulos conservados pela Jucepe datam de 1924, foi necessário encontrar outras fontes que servissem de guia para a pesquisa. A abordagem apresentada a seguir é, portanto, fruto dos desafios surgidos durante a investigação, e espera demonstrar como a exploração e o cruzamento de fontes diversas podem resultar em uma metodologia rica para o campo do design gráfico.



Figura 1 Rótulo de vinho de caju da Fábrica Madeira & Comp^a. impresso pela litografia da Fábrica Caxias, um exemplo dos rótulos disponíveis na JUCEPE. Os livros de registros da JUCEPE estudados por Cunha Lima cobrem os anos de 1875 a 1924. Fonte: Junta Comercial de Pernambuco (JUCEPE).

INDUSTRIALIZAÇÃO E INDÚSTRIA GRÁFICA EM PERNAMBUCO (1930-1965)

O desenvolvimento industrial apontado por Prado Júnior continua e se dinamiza nos anos que se seguem às duas primeiras décadas do século XX. A década de 1930 é tida como marco oficial da industrialização na economia brasileira – embora, como comprovam os números vistos até agora, trate-se de uma aceleração, e não de um princípio de industrialização. A real mudança se dá, antes, no espírito e nas relações capitalistas, impactando diretamente na economia e na industrialização do país (PRADO JÚNIOR, 2008).

Nenhum dos freios que a moral e a convenção do Império antepunham ao espírito especulativo e de negócios subsistirá; a ambição do lucro e do enriquecimento consagrar-se-á como um alto valor social. O efeito disso sobre a vida econômica do país não poderá ser esquecido nem subestimado. (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 209)

Embora as informações sobre a industrialização pernambucana na década de 1930 sejam esparsas, é possível notar uma diversificação do setor. Em 1937 a indústria pernambucana apresentava um quadro variado – álcool, alimentos, bebidas, calçados, conservas, fumo, especialidades farmacêuticas, metalurgia, papel, perfumaria, sabão, laticínios, massas alimentícias, entre muitas outras – e cada qual com suas subdivisões.⁰²

De acordo com o anuário estatístico de 1937-1938, o estado contava, no ano de 1937, com um total de 702 fábricas (divididas em 317 fábricas grandes e 385 pequenas). Melo (1989) indica o surgimento de 2.367 novas indústrias pernambucanas somente no período de 1939 a 1949, assim dividido:

Período	Novos estabelecimentos
1930 a 1939	479
1940 a 1945	755
1946 a 1949	1.133

Tabela 1 evolução dos estabelecimentos industriais em Pernambuco entre 1930 e 1949. Fonte: Melo (1989).

Segundo Mendonça (2005), a configuração do setor industrial em 1939 era a seguinte: o ramo têxtil ocupava o primeiro lugar, seguido pelo ramo de alimentação; depois, vinha a indústria de calçados, a químico-farmacêutica, a de bebidas, a de fumo e, logo em seguida, a de papel industrializado.⁰³ É de se imaginar que essa configuração refletisse de forma positiva na indústria de rotulagem do estado

02 Fonte: Anuário Estatístico, ano X – 1937-1938 (PERNAMBUCO, 1940).

03 Uma análise dos acervos de rótulos e embalagens do período que vai de 1930 a 1960 revela a importância de alguns desses ramos para a indústria litográfica.

(Figura 2). Chama atenção, por exemplo, o aparecimento do papel industrializado nessa lista. É possível que tenha alguma relação com o desenvolvimento da indústria gráfica.



Infelizmente, os Anuários Estatísticos consultados não trazem qualquer informação sobre a indústria gráfica pernambucana da década de 1930. O primeiro levantamento sobre o número de gráficas existentes em Pernambuco só apareceria na década seguinte; de acordo com esses dados, já no primeiro ano da década de 1940 Pernambuco contava com 58 empresas e 75 estabelecimentos⁰⁴ gráficos e empregava um total de 1.147 pessoas.⁰⁵

É difícil, porém, saber se há interseção entre os dois grupos recenseados (empresas e estabelecimentos), ou se são excludentes, pois um total de 133 empresas parece improvável para a realidade pernambucana, a julgar pelos números dos anos seguintes, que informam:

Figura 2 Rótulos litografados, exemplificando a relação entre os estabelecimentos fabris e a indústria gráfica recifense. Fonte: acervo Laboratório Oficina Guaianases de Gravura (UFPE).

04 Infelizmente, não há, no anuário, qualquer informação que explique o critério para a divisão entre empresa e estabelecimento. É possível que haja alguma relação com o número de funcionários empregados.

05 Fonte: Anuário Estatístico de Pernambuco 1948 (PERNAMBUCO, 1949).

Fonte	Ano	Número de estabelecimentos da classe “editorial e gráfica”	Observações
Anuário Estatístico de Pernambuco de 1955	1952	56 estabelecimentos	
	1953	84 estabelecimentos	
Anuário Estatístico de Pernambuco de 1958	1953	62 estabelecimentos	
	1954	56 estabelecimentos	
	1955	55 estabelecimentos	
	1956	59 estabelecimentos	O Anuário informa sobre a existência de outras 18 gráficas que ocupavam menos de 5 pessoas.
Anuário Estatístico de Pernambuco de 1960	1957	62 estabelecimentos	O Anuário informa sobre a existência de outras 20 gráficas que ocupavam menos de 5 pessoas.
	1958	60 estabelecimentos	
Anuário Estatístico de Pernambuco de 1962	1959-60	102 estabelecimentos	
	1961	56 estabelecimentos	De acordo com o anuário daquele ano, das 56 empresas, 50 localizavam-se na capital – destas, todas contavam com 5 ou mais pessoas ocupadas. O anuário também cita a existência de 25 outras gráficas (estas com menos de 5 pessoas).
Anuário Estatístico de Pernambuco de 1966	1965	72 estabelecimentos	Todos funcionando com mais de 5 pessoas.

Apesar da importância desses números, a falta de detalhamento os torna difíceis de interpretar. É impossível, a partir deles, saber quantas dessas gráficas localizavam-se na capital, quantas eram tipografias, clichérias ou litografias, qual a média de trabalhadores

Tabela 2 Números de estabelecimentos da classe “editorial e gráfica” segundo anuários estatísticos pernambucanos das décadas de 1950 e 1960. Fonte: acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

por gráfica, etc.⁰⁶ De toda forma, os números revelam uma indústria aparentemente estabelecida, com crescimento variável ao longo dos anos, mas aparentemente estável.

É verdade que esses números correspondem ao total do estado, mas é provável que no Recife se concentrassem a maioria desses estabelecimentos, como dá a entender a informação sobre o ano de 1961, quando, dos 56 estabelecimentos com mais de 5 pessoas, 50 localizavam-se na capital. Fora isso, no entanto, sabe-se pouco.

ESTABELECIMENTOS LITOGRÁFICOS NO RECIFE

Com exceção de duas menções feitas por Luiz do Nascimento (1970) e por Edna Cunha Lima (1998), não foi encontrado qualquer registro bibliográfico que citasse empresas litográficas recifenses em funcionamento no período de 1930 a 1960. As duas litografias citadas por Nascimento eram a *Brasileira*, que, segundo o autor, funcionou entre 1932 e 1933 na Rua Visconde de Inhaúma, 154, e a *The Propagandist*, situada na Rua do Rangel, 154;⁰⁷ a gráfica citada por Cunha Lima é a *Apolo* (Figura 3).

06 Chama atenção um detalhe: o número de gráficas funcionando com até cinco pessoas. É difícil garantir, mas, muito provavelmente, esse grupo exclui as litografias, uma vez que, para o bom funcionamento destas, esse número de operários parece insuficiente.

07 É interessante observar aqui que a Visconde de Inhaúma é a atual Rua do Rangel, ou seja, as duas litografias localizaram-se no mesmo endereço. Segundo Nascimento, porém, a *Brasileira* teria funcionado entre 1932 e 1933, enquanto que a *The Propagandist* aparece com indicação de dezembro de 1935. Ainda sobre o assunto, podemos ver que, de acordo com o anúncio da *The Propagandist* na Figura 4 deste estudo, esse estabelecimento encontrava-se, àquela data na Rua do Imperador, 304, 1º Andar (para mais detalhes sobre o assunto, ver AGRA JUNIOR, 2011).



Figura 3 Rótulos de aguardente de cana impressos pela Gráfica Apolo. Fonte: acervo do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura (UFPE).

Esse era, pois, o estado das informações sobre a litografia comercial no Recife durante o período pesquisado. A solução encontrada para preencher tal lacuna incluiu a consulta dos indicadores telefônicos⁰⁸ (listas telefônicas) daqueles anos (Figuras 4 e 5). Deles, foi possível obter números, nomes e endereços de litografias comerciais recifenses em funcionamento entre os anos de 1930 e 1965,⁰⁹ cruzados posteriormente com os nomes já identificados nos acervos iconográficos. O primeiro levantamento que partiu desses indicadores apresentou um total de 18 litografias (incluindo as três já citadas em bibliografia, pois elas se repetiam nessas fontes).

08 Foram encontrados e consultados os indicadores telefônicos referentes aos anos de 1930, 1946, 1949, 1951, 1956, 1958, 1959, 1960 e 1964/5. Essas listas pertencem hoje à Coleção Pernambucana da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (BPE).

09 Para mais detalhes sobre a aparição dos nomes das gráficas nos indicadores telefônicos, ver Agra Junior *et al.* (2010) e Agra Junior (2011).

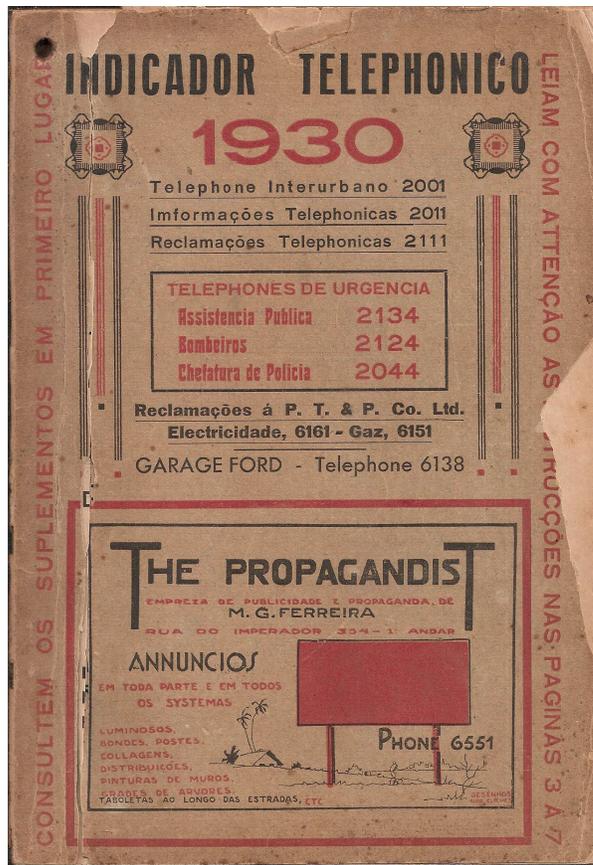
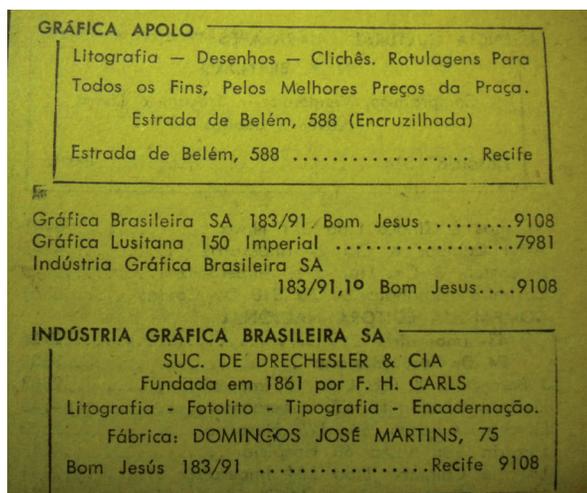


Figura 4 Capas de dois dos indicadores telefônicos utilizados na pesquisa. Observe-se que o indicador datado de 1930 traz em sua capa a publicidade de uma das gráficas identificadas, a *The propagandist*. Entre os serviços ali anunciados por essa empresa, incluem-se “pinturas de muros” e “desenhos para clichês”, entre outros. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.



Esse seria, portanto, o total, caso não tivesse sido possível encontrar um exemplar único de um rótulo impresso em litografia assinado pelo Diário da Manhã. Assim, o número atingiu o total de 19 estabelecimentos litográficos. No caso do rótulo impresso pelo Diário da Manhã (Figura 6), cuja datação não foi definida com o auxílio da lista telefônica (na qual esse estabelecimento aparece apenas como tipografia), foi possível incluí-lo no período a partir da década de 1940, uma vez que a safra do vinho, no próprio rótulo, informa essa data. Embora a existência do *Diário* seja anterior à década de 1940, não há garantias para afirmar que antes disso lá imprimiam-se litografias.

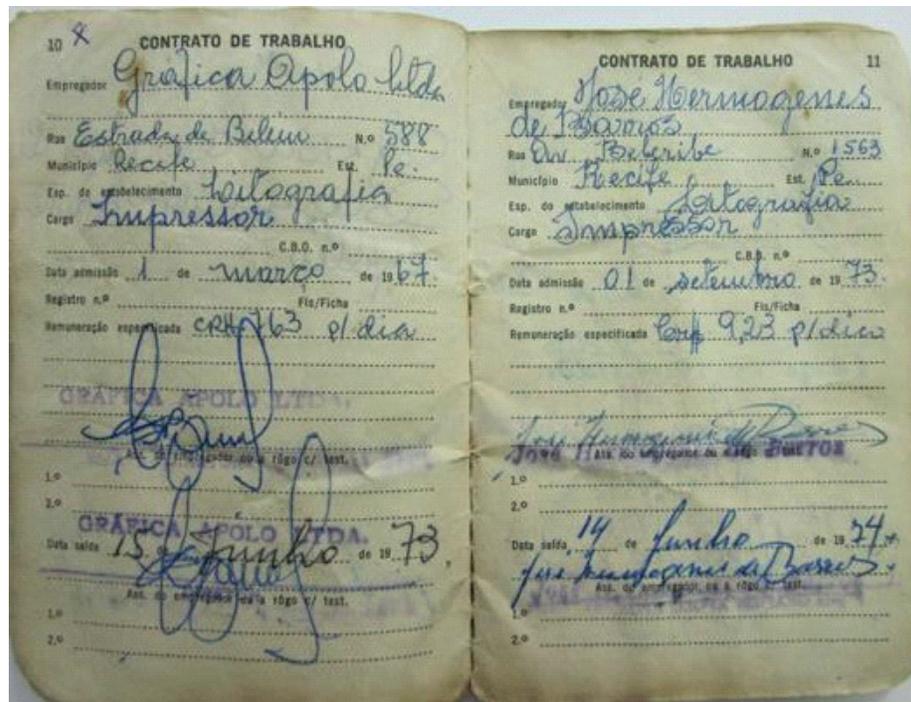
Figura 5 Aspecto das informações que permitiram a construção deste estudo. Detalhe dos informadores telefônicos de 1956 e 1959, respectivamente. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.



Figura 6 Rótulo de vinho branco assinado pelo Diário da Manhã. A partir desse exemplar, foi possível descobrir que o *Diário* também contribuía para a produção de impressos litográficos no Recife. Fonte: acervo Imagens Comerciais de Pernambuco (UFPE).

Além dos números revelados pelos indicadores, foi possível conhecer, por meio de informação oral fornecida por Hélio Soares, ex-trabalhador da Indústria Gráfica na década de 1970, alguns estabelecimentos que escaparam a esse levantamento. Segundo “mestre” Hélio, que trabalhou como impressor em algumas das gráficas identificadas (Apolo, Lusitana, entre outras, Figura 7), além daquelas encontradas nos indicadores telefônicos, é possível listar quatro outras: Hermes Gráfica, Severino Silva, Felipe Camarão e uma litografia pertencente a José Hermógenes de Barros, o que elevaria a listagem para 23 estabelecimentos litográficos.

Figura 7 Carteira de trabalho do Sr. Hélio Soares, importante impressor-litógrafo recifense. Hélio foi integrante do grupo Oficina Guaianases de Gravura, responsável pelo renascimento da litografia de arte no Recife; ele também trabalhou na indústria litográfica entre as décadas de 1960 e 1970. Fonte: arquivo pessoal de Hélio Soares.



Contudo, no decorrer da pesquisa, não foi possível encontrar essas gráficas nos documentos consultados referentes àquela época. Como a inexistência delas está fora de cogitação, como provam os documentos do sr. Hélio Soares, cogitou-se duas hipóteses: 1) As gráficas estavam em funcionamento no período pesquisado (1930-1965), mas não deixaram sinais de sua existência;¹⁰ 2) Essas gráficas só passaram a funcionar no período posterior ao estudado, na década de 1970, exatamente o período no qual o sr. Hélio Soares trabalhou como impressor litográfico, sendo esta segunda a hipótese mais provável. De qualquer forma, essa constatação revela uma outra questão: a litografia no Recife estende-se ainda pela década de 1970, e talvez mais, contrariando a hipótese de que o offset a substituiu definitivamente em meados ou fim da década de 1960. Essa informação é reforçada por relato do sr. Hélio Soares – e comprovada pela data de sua contratação na

10 Foi possível encontrar rótulos impressos pela Severino Silva no acervo *Imagens Comerciais de Pernambuco*, porém não foi possível datá-los. No mesmo acervo, foi possível identificar um rótulo assinado HEGRAF; infelizmente, não foi possível obter mais informações sobre essa gráfica, da mesma forma que não foi possível identificar sua data de impressão (Figura 8).

carteira de trabalho. Além disso, o estilo visual de alguns dos rótulos encontrados no acervo do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura levam a crer que alguns daqueles rótulos chegam mesmo à década de 1980. Para uma melhor datação seriam necessários mais estudos, o que seria possível, por exemplo, a partir da investigação sobre o registro das marcas presentes nesses acervos.



Figura 8 O rótulo de mortadela da marca Tony traz em sua assinatura apenas a indicação “HEGRAF”; poderia ser uma alusão à Hermes Gráfica, comentada por Hélio Soares, ou àquela do sr. Hermógenes de Barros. Fonte: acervo Imagens Comerciais de Pernambuco (UFPE).

A listagem final de litografias identificadas durante o período de 1930 a 1965 é a seguinte:

01. 1. Gráfica Apolo
02. 2. Brasil Gráfica
03. 3. Brasileira
04. 4. Litografia da Fábrica Caxias
05. 5. Companhia Pernambucana Papéis Artes Gráficas S.A.
06. 6. Diário da Manhã
07. 7. Dreschler & Cia. (depois IGB)
08. 8. Gráfica Guararapes
09. 9. Litografia Imperial
10. 10. Litografia da Fábrica Lafayette
11. 11. Litografia e Tipografia da Livraria Moderna
12. 12. Gráfica Lusitana
13. 13. Indústria Metalgráfica S.A.
14. 14. Metalgráfica do Norte S.A.
15. 15. Ommundsen & Cia. Ltda
16. 16. Gráfica Pinheiro
17. 17. The Propagandist
18. 18. Renda-Priori
19. 19. União Gráfica

A estas, somam-se as gráficas citadas por Hélio Soares, cujo funcionamento entre as décadas de 1930 e 1960 não foi possível confirmar, e assim permanecem apenas como indicação para pesquisas:

20. Gráfica Severino Silva

20. 21. Litografia Felipe Camarão
21. 22. Hermes gráfica
22. 23. José Hermógenes de Barros

Assim, daqueles quase indecifráveis números sobre uma difusa indústria gráfica pernambucana, passou-se a nomes concretos de empresas litográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os documentos usados nesta pesquisa revelam a importância da consulta das fontes primárias para o estudo da história gráfica pernambucana. A fragilidade de alguns desses dados, sobretudo aqueles dos anuários, revela o cuidado que se deve ter ao interpretar esses números, ao mesmo tempo que revela como esses dados podem desvelar elementos de base para a construção dessa história. Um estudo mais aprofundado que cruze esses números com outros de outros estados ou que os compare em nível federal a partir dos anuários estatísticos do Brasil pode, além de levantar novos questionamentos, trazer à luz muitas das informações que não se encontram na bibliografia atual sobre o tema.

Não apenas a fisionomia da indústria litográfica, mas também a produção da metalografia, das tipografias, das clichérias, dos ateliers de fotogravuras pode ser reconstruída a partir do olhar atento a essas fontes. Toda uma história serial¹¹ pode ser construída com base nesses números.

Além disso, os anuários em si são artigos impressos e podem ser analisados como fontes iconográficas. Não raro, trazem em seu interior ilustrações, gráficos quantitativos e a assinatura de quem os produziu. O mesmo pode ser dito dos indicadores telefônicos, que trazem em suas páginas internas, ou mesmo nas capas, anúncios os mais diversos acerca dos produtos e serviços oferecidos pela indústria gráfica da época, muitos desses complementando informações encontradas nos anuários.

O tema é amplo, e os dados, difusos. Inúmeras fontes que não aparecem neste texto e podem ser usadas para completar as lacunas aqui apresentadas encontram-se disponíveis nos acervos indicados: revistas ilustradas, almanaques, impressos como cartazes, mapas e embalagens são alguns dos exemplos. A experiência metodológica aqui exposta é uma tentativa entre muitas de exploração e confronto direto com fontes primárias e pretende contribuir para o avanço da pesquisa histórica do campo do design gráfico. O investigador da história do design gráfico precisa, no entanto, ir até estas fontes.

11 O termo vem do campo da história e refere-se ao estudo de documentos que permitam tanto a observação das permanências quanto de oscilações e variações. “A série é necessariamente formada por fontes homogêneas, comparáveis e capazes de serem apreendidas no interior de uma continuidade [...]” (BARROS, 2012, p. 205).

REFERÊNCIAS

AGRA JUNIOR, J. E.; BARRETO CAMPELLO, S.; TORRES, M. *Indústria e produção litográfica recifense (1930-1960): uma investigação histórica*. 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2010, São Paulo. Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: AEND-BRASIL, 2010.

AGRA JUNIOR, J. E. *Memória gráfica pernambucana, indústria e comércio através dos impressos litográficos comerciais recifenses (1930-1965)*. Dissertação (mestrado em Design) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

AGRA JUNIOR., J. E. Litografia no Recife. In VALADARES, P. (org.). *Memória gráfica no agreste*. Recife: CEPE, 2018. pp. 28-37.

AGRA JUNIOR., J.; ARAÚJO, R. C. *Almanak Litterario Pernambucano: uma crônica visual da modernidade*. Anais do 9º CIDI – Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC – Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação. São Paulo: Blucher, 2019. pp. 2386-2394.

ALMANAK-HÉNAULT. *Almanak Litterario Pernambucano 1912-1913*. Ano XIII. Rio de Janeiro, 1912.

ARAGÃO, I.; BARRETO CAMPELLO, S.; RAMOS JUNIOR, H. V.; SAMPAIO, M. H. *Catálogo e análise dos rótulos de aguardente do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura*. 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008, São Paulo. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: AEND-BRASIL, 2008. v. 1. pp. 318-333.

BARRETO CAMPELLO, S. *Pedra papel*. 2009. Catálogo.

BARRETO CAMPELLO, S.; AGRA JR., J. E.; DUARTE, P. P. *Imagens comerciais de Pernambuco: o acervo de matrizes litográficas do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura*. 2007. Relatório de pesquisa.

BARRETO CAMPELLO, S.; AGRA JR., J. E.; ARAGÃO, I. *Imagens comerciais de Pernambuco: recuperação e catalogação de um acervo*. 8º

Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008, São Paulo. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008. São Paulo: AEND-BRASIL, 2008. v. 1. pp. 866-876.

BARROS, J. A. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. *História Revista*, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012.

CARVALHO, A. Annaes da imprensa periódica pernambucana. 1821-1908. *Recife: Typografia do Jornal do Recife*, 1908.

CUNHA LIMA, E. L. *Cinco décadas de litografia comercial no Recife: por uma história das marcas de cigarro registradas em Pernambuco, 1875-1924*. Dissertação (mestrado). Departamento de Artes & Design – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1998.

FUNDARPE. *Imagens comerciais de Pernambuco: o acervo de matrizes litográficas do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura (catálogo)*. Recife: FUNDARPE/Laboratório Oficina Guaianases de gravura, 2007.

MAGALHÃES, J. P. A. *Uma política industrial para o Brasil*. Rio de Janeiro: CNI, 1987.

MELO, C. *FIEPE: um perfil histórico*. Recife: Recife Gráfica Editora, 1989.

MENDONÇA, L. C. *FIEPE – 65 anos: preservando valores e ampliando conquistas*. Recife: FIEPE, 2005.

NASCIMENTO, L. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). v. 8: *Periódicos do Recife - 1916-1930*. Recife: Editora Universitária, 1970.

NASCIMENTO, L. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). v. 9: *Periódicos do Recife – 1931-1940*. Recife: Editora Universitária, 1970.

NASCIMENTO, L. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). v. 10: *Periódicos do Recife – 1941-1954*. Recife: Editora Universitária, 1970.

PRADO JR., C. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

INDICADORES TELEFÔNICOS E ANUÁRIO ESTATÍSTICOS

The Telephone Company of Pernambuco Ltd. Indicador telefônico 1930. Recife: [s.n.], 1930. 150 p.

The Telephone Company of Pernambuco Ltd. Indicador telefônico de 1946. Recife: Typ. Do Diário da Manhã, 1946. 200 p.

The Telephone Company of Pernambuco Ltd. Indicador telefônico de 1949. Recife:

Typ. Do Diário da Manhã, 1946. 248 p. The Telephone Company of Pernambuco Ltd. Indicador telefônico de 1951. Recife: [s.n.], 1951. 256 p.

The Telephone Company of Pernambuco Ltd. Lista telefônica do Recife. Recife: União Gráfica, 1956. 194 p.

Listas telefônicas Brasileira S/A. Indicador telefônico. Recife: [s.n.], 1958. 132 p. Companhia Telefônica de Pernambuco. Lista telefônica oficial. Recife: [s.n.], 1959. 144 p.

Sociedade Anônima Serviços. Guia “Sig” dos telefones. Recife: [s.n.], 1960. 198 p. Listas telefônicas Brasileira S/A. Guia dos telefones: Recife 1964/5. Recife: [s.n.], 1964/5. 154 p.

PERNAMBUCO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Estadual de Estatística. Anuário Estatístico: Ano X – 1937 - 1938. Recife: Imprensa Oficial, 1940. 408 p.

PERNAMBUCO. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Estadual de Estatística. Anuário Estatístico de Pernambuco: Ano XIII - 1948. Recife: IBGE, 1949. 238 p.

PERNAMBUCO. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Estadual de Estatística. Anuário Estatístico de Pernambuco: Ano XV - 1955. Recife: Imprensa Oficial, 1955. 261 p.

PERNAMBUCO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Estadual de Estatística. Anuário Estatístico de Pernambuco: Ano XVII - 1960. Recife: IBGE, 1961. 250p.

PERNAMBUCO. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Estadual de Estatística. Anuário Estatístico de Pernambuco: Ano XX - 1966. Recife: Jornal do Commercio, 1967. 210 p.